Entrevista Professora Emérita Eneida Maria de Souza
Realizada em 22 de abril de 2009.
No saguão do Bahamas Apart Hotel – Campo Grande, MS

NECC-ENTREVISTAS: intelectuais em foco
Coordenador: Marcos Antônio Bessa-Oliveira

Vinculado ao **NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados - UFMS**
Orientação: Prof. Dr. Edgar Cézar Nolasco

Entrevista Realizada por:Marcos Antônio Bessa-Oliveira e Rony Márcio Cardoso Ferreira
Filmagem: Giselda Paula Tedesco e José Francisco Ferrari
Transcrição da Entrevista: Gabriela Gusman Barros da Silva
Correção Textual: Leilane Hardoim Simões
Edição da Filmagem: Douglas Urbanek

NECC–ENTREVISTAS - Desde 2004, nota-se um significativo aumento nos estudos de crítica biográfica, crítica cultural e estudos latino-americanos na UFMS, principalmente nos Programas de pós-graduação e graduação, enviesados pelas propostas apresentadas em seus livros, a exemplo do Crítica Cult. A partir desses estudos comparados, como à senhora vê a criação de um núcleo que volta suas discussões exatamente para tais questões?

ENEIDA – Eu vejo como um grande empreendimento, pois penso que estamos cada vez mais aprendendo a tornar os núcleos de pesquisa mais variados. Como a estrutura da universidade já está um pouco viciada, a criação de um núcleo de pesquisa acaba sendo a grande saída para se discutir qualquer tema, assunto e teoria. Com relação à questão biográfica e cultural, percebemos que ela está em pleno avanço e, ao mesmo tempo, preserva-se a crítica mais centrada para o texto em si, ou seja, antes de se concentrar nos estudos biográficos, nas questões políticas, culturais, sociais e históricas, você também tem que ter a experiência de utilizar certa perspicácia de análise do próprio texto, seja ele literário, jornalístico, mesmo o musical ou voltado para a entrevista. Acho que temos que levar em conta tudo. Por exemplo, não se pode falar de um autor, a título de ilustração Clarice Lispector, sem conhecer a fundo sua escrita, sua linguagem, pois é a partir dessa análise é que se extrai uma metodologia, uma maneira especial de trabalhar o texto.

NECC–ENTREVISTAS - Aquela idéia do *Crítica Cult*, no ensaio de autobiografia, continua valendo então "vida e obra" para se ler um trabalho através da crítica cultural?

ENEIDA – Sim, comprei recentemente um livro de vários autores que discutem o conceito de autoficção, que está sendo retomado atualmente pela crítica literária. Esse conceito foi criado por Serge Doubrovsky, escritor francês, em 1967. Distingue-se da autobiografia, na medida em que na autoficção o autor já assume o texto como se ficção. A autobiografia já é, em princípio, ficção. Distingue-se um pouco da autobiografia *tout court*, conceito muito bem desenvolvido por Lejeune, e que está sendo assumido, atualmente, por escritores como Silviano Santiago. Ao mesmo tempo que o escritor está fazendo autobiografia, revendo e recriando a memória de sua vida e de sua família, se instaura sempre o lance da ficção, que atua como quebra de uma relação direta com a realidade.

NECC-ENTREVISTAS
Intelectuais em foco

NECC–ENTREVISTAS - Uma vez que o nosso núcleo intitula-se Núcleo de Estudos Culturais Comparados, fazemos a seguinte pergunta: como fica a disciplina Literatura Comparada depois do *boom* dos Estudos Culturais no Brasil?

ENEIDA – Essa é uma boa pergunta, e ao mesmo tempo polêmica. É a questão de rótulo, de títulos. Ao tentar definir a Literatura Comparada, teríamos que distinguir o que é literatura, o que se torna cada dia mais difícil, e o que é a comparada, que por sua vez é também difícil. Até mesmo a definição de Estudos Culturais, disciplina que até hoje já se encontra um pouco descrente por estudiosos, porque é aquela história: as pessoas acham que é modismo, que vai passar como toda moda. Em termos de crítica literária é sempre assim, tem-se o fenômeno do *boom* e, depois, as teorias vão sendo substituídas por outras, ou, ao contrário, nunca se abandona esta ou aquela teoria, este ou aquele conceito. Mas o que acho mais importante, tirando a questão da disciplina, a questão do título; eu acho que isso não é muito importante, porque hoje a gente pode passar por cima. Mas eu acho que a comparação é o que mais importa. E aprendemos isso desde que começamos a trabalhar com literatura comparada, que você nunca pode trabalhar um texto,

NECC-ENTREVISTAS
intelectuais em foco

estudar um autor ou estudar um momento sem que todos esses elementos sejam comparados com outros. E o que é comparar? É a grande dúvida, porque os nossos opositores afirmam que "agora se compara tudo", alhos com bugalhos, etc. Eu acho que não se trata mais de pensar na perspectiva de comparar um escritor europeu com um escritor brasileiro ou da América Latina, mas a questão é de se ampliar essa comparação. Se você coloca em comparação três escritores ou três temas, amplia-se o foco da comparação, antes voltado para a relação entre dois escritores. A presença de uma muda um pouco a relação. Comparar não significa hierarquizar, usando preconceitos, como a questão do "gosto, não gosto", que é o hábito nosso do dia-a-dia. Estamos frequentemente sendo indagados sobre nossas predileções literárias: "você gosta desse livro, você não gosta, de que você gosta?". Convivemos o tempo todo com a questão do gosto, do valor. O gesto comparativo já sofreu grandes mudanças e transformações. É preciso comparar os temas que são semelhantes e o que é diferente, aquilo que distorce. Se você acrescentar outros elementos de comparação, o trabalho cresce em interesse e é possível brincar mais, jogar mais, pois é no atrito entre idéias diferentes que são produzidos melhores efeitos.

NECC–ENTREVISTAS - Só para poder complementar mais essa questão, queria saber a opinião da senhora: estudar Literatura Brasileira é estudar Literatura Comparada. Então estudar Literatura Comparada seria estudar Estudos Culturais?

ENEIDA – Eu acho que sim. O problema é o termo "literatura", que aí fica restrito a esse termo e não abarca outras manifestações. Eu acho que já não tem mais interesse essa polêmica entre os estudos culturais e a literatura comparada. Mas o que eu sinto é que estamos voltando a um pensamento de gueto, de ficar defendendo a literatura em relação a outras disciplinas. Isso não me agrada. Eu assisti recentemente a um documentário intitulado *Palavra (en)cantada,* um filme muito interessante. E discute justamente dessa questão. É poeta o letrista de música popular? Chico Buarque disse que "não" e apresentou suas razões. Mas a resposta que mais gostei foi a da Adriana Calcanhoto: "para mim essa polêmica é completamente vazia". Se você pensar o que é poesia, o que é ser poeta, é, na realidade uma pergunta completamente vazia. Por quê? As pessoas ainda estão preocupadas em definir o que é poesia. Como você pode definir poesia? Como você pode definir a letra de uma canção e dizer que Chico Buarque não é um poeta? Claro, profissionalmente ele não é um poeta, mas são as letras que contam, pois Chico é considerado um dos melhores poetas da música popular.

NECC–ENTREVISTAS - Seria então, professora, só para provocar um pouquinho, um grande erro dizer que os Estudos Culturais, como vários outros críticos disseram, banalizaram a literatura comparada?

ENEIDA – Sim, é mais ou menos isso. As pessoas que praticam e defendem no Brasil a Literatura Comparada citavam muitas vezes somente os europeus, os especialistas na disciplina, os franceses, os alemães, etc. Quando os Estudos Culturais entram na América Latina, principalmente por meio da academia americana, mas se apropriando de conceitos de crítica e cultura pertencentes a teóricos europeus, muda um pouco a recepção desses estudos entre nós. Criou-se uma polêmica, porque o fato de não se preocupar com as noções de valor e de gosto, com o que é bom e o que não é, muda muito o parâmetro analítico no interior dos estudos comparados e culturais. Para mim esta polêmica já não tem muito sentido, embora exista ainda estudiosos que não aceitam a diluição dos critérios rígidos de valor.

NECC-ENTREVISTAS
Intelectuais em foco

NECC-ENTREVISTAS – Nos últimos anos, a crítica tem se voltado para a América Latina. Por que isso ocorre e como a senhora se posiciona perante tal fato?

ENEIDA – Eu acho que a América Latina – nós somos a América Latina, a gente se posiciona sempre de modo afastado, separado – não se conhece. Não conhecemos a literatura, a história, a política, pelo fato de estarmos sempre com os olhos voltados para a Europa, para os Estados Unidos, e mais recentemente, para a literatura do "Terceiro Mundo", recebendo as teorias, e as deglutindo. No entanto, hoje estamos muito preocupados em conhecer mais a América Latina, tão perto da gente, mas às vezes tão distante. Na atualidade, o atraso em relação à América Latina está sendo corrigido, pois começamos a trocar idéias, a dialogar com os conceitos produzidos aqui e ali, a traduzir nossos textos e nossa literatura para os vizinhos. O leitor brasileiro sempre se interessou pela literatura latino-americana, sempre a traduzimos, mas eles se mostraram constantemente desinteressados com relação à nossa cultura. A situação agora é outra.

NECC-ENTREVISTAS
intelectuais em foco

NECC-ENTREVISTAS – A crítica latino-americana é muito traduzida e estudada nas universidades brasileiras. A recíproca é verdadeira no que se refere à crítica brasileira? Como à senhora contextualizaria a crítica brasileira hoje na América Latina?

ENEIDA – Eu acho que são poucos, ainda são poucos. Mas já há todo esforço. Na Argentina, por exemplo, há um grupo que é liderado por Florencia Garramuño e seu marido, Álvaro, além de outros pesquisadores, que estão traduzindo textos brasileiros, estudando literatura brasileira. A Florencia acabou de publicar um livro que se chama *Modernidades Primitivas,* muito interessante, porque ela vai relacionar Carlos Gardel e Carmem Miranda – ou seja, Argentina e Brasil. É isso que está faltando a gente fazer. Quer dizer, você não pode estudar a figura da Carmem Miranda como se ela existisse sozinha, tem que analisá-la com a ajuda de outras personalidades e artistas, tais como, Evita Perón, outras cantoras do Caribe, ou mesmo do Brasil e que se projetaram nos Estados Unidos ou na Europa. O envolvimento do samba com o tango, o maxixe, os ritmos africanos, as tendências do Caribe são hoje uma das mais visíveis marcas da integração do continente por meio da música. Então isso tudo – não digo que dá certa integridade à América Latina porque não é isso – mas fornece certo perfil e aí bons resultados são atingidos através do método comparativo. É nesta direção que estou querendo colocar em diálogo os acontecimentos marcantes da década de 1950 no Brasil e na Argentina com as mortes de Carmem Miranda, Evita Perón, Getúlio Vargas. Personagens políticas com personagens do meio musical, mas que provocaram efeitos surpreendentes na população pelo seu carisma e, principalmente, pela sua morte prematura e trágica. Pelo fato de mostrar que essas mortes contêm pontos semelhantes e diferentes, acrescento valores e interpretações à minha análise de Carmem Miranda. Se o objetivo da pesquisa se concentrar numa figura apenas, não estabeleço possíveis pontes culturais e políticas entre os dois países, entre acontecimentos significativos para a compreensão de nosso tão complexo continente.

NECC-ENTREVISTAS – Então um bom exemplo dessa interlocução entre as pesquisas, entre a crítica e entre a literatura, por conseqüência, seria o caso da revista *Margens/ Márgenes* e a revista *Ciência Hoje*, que é uma revista que recebemos como bolsistas de iniciação científica que trouxe no exemplar de março uma edição bilíngüe, entre Argentina – espanhol e castelhano – e o português. Então seria um bom exemplo dessa troca de informações.

ENEIDA – Eu acho que é a nossa saída. Nosso grupo de pesquisa do Acervo de Escritores Mineiros da UFMG está refazendo o antigo projeto que havia sido desenvolvido com a CAPES e o CNPq, e que vai ser rotulado de *Resíduos – Margens.* Trata-se de retomar as culturas das margens e desenvolver tópicos

NECC-ENTREVISTAS Intelectuais em foco

relativos a esse tema, com o objetivo de dialogar nossa cultura com outras, consideradas marginalizadas pelo discurso oficial.

NECC-ENTREVISTAS – Acabou de ser lançado pela editora da UFMG o livro organizado pela senhora e pelo professor Reinaldo Marques – *Modernidades Alternativas na América Latina*. E também a senhora organizou um livro de memórias de sua mãe. Gostaríamos que falasse um pouco a respeito desses livros.

ENEIDA –Vou falar primeiro do livro de minha mãe, que resultou de um projeto meu e da minha irmã, Leila, foi ela quem começou digitando os discursos dela. Minha mãe foi uma professora catedrática de português do primeiro e segundo graus e defendeu sua tese em 1950, em Belo Horizonte. Trabalhou o tempo todo como professora e era sempre convidada a redigir e proferir discursos. Era sempre solicitada não só na escola como também no Rotary Club, tendo sido, com meu pai, um de seus fundadores. E ela guardou todo esse material, manuscritos e datiloscritos. Dividimos o livro em cinco partes e ficou muito bonito, está simples, mas muito interessante. O Paulo Schmidt foi o autor da programação gráfica. E o último livro, que já está saindo pela UFMG, foi o resultado de dois encontros que a gente fez em Belo Horizonte, então resolvemos trabalhar com a noção de *modernidades alternativas*. É justamente o que estamos desenvolvendo na pesquisa, em torno das modernidades tardias. Trata-se de outra denominação, pois não se concebe mais aceitar rótulos referentes à modernidade hegemônica européia. O conceito de *modernidade* vai passar por esses crivos. O conceito de *modernidades alternativas* representa a idéia de que, por exemplo, na Ásia, no próprio Oriente, já estão se desenvolvendo outros tipos de modernidades que não seguem o parâmetro dos conceitos relativos à modernidade hegemônica. Então isso me agrada muito, ao lado da participação, nesse livro, de pesquisadores da América Latina, como Hugo Achugar, Adriana Pérsico, Julio Ramos, autor de um texto belíssimo do livro, no qual discorre sobre a droga, o haxixe, e sobre a relação entre Walter Benjamin e a modernidade européia. Ao mesmo tempo que acredita numa modernidade urbana, parisiense, criada nas ruas e por meio dos *flâneurs*, Benjamin, ao se encontrar em Marseille, assiste a um conjunto de jazz composto por negros, aí ele percebe que outras modalidades de modernidade poderão coexistir. É preciso tentar mapear um pouco essas múltiplas modernidades e pós-modernidades que nos cercam e nos situam também no nosso cotidiano.

NECC-ENTREVISTAS Intelectuais em foco

NECC-ENTREVISTAS – Ainda em relação ao livro de sua mãe, eu acho que deve ter sido um campo muito fértil lidar com esses documentos, uma vez que a senhora disse que conversas, fotos, entrevistas, palestras – papéis de modo geral – contribuem para a crítica cultural biográfica. A senhora faz alguma intervenção diretamente no livro?

ENEIDA – Não, minha intervenção foi apenas quanto ‘a revisão dos textos e à sua organização, porque os discursos feitos por ela são desde 1945 até os anos 90 e precisavam ser um pouco atualizados. Tive então de fazer uma revisão das repetições, das datas, etc. e organizar o livro por temas. Organizei o primeiro tema, que foi a família. Anexamos um discurso proferido na Academia Manhuaçuense de Letras no qual ela escreve a história de meu pai, a história da família e, em outra ocasião, ela narra a história de sua família. Escreve também sobre a Escola em que lecionou durante mais de trinta anos, sobre os eventos da cidade, da Casa da Amizade, da qual foi secretária, além de algumas cartas escritas por ela para amigos e familiares. Esse registro permite a contextualização de uma vida que não é só dela, como também das pessoas com as quais ela conviveu. As cidades hoje carecem de memória, é preciso registrar os fatos, pois amanhã ninguém irá se lembrar dessas histórias.

NECC-ENTREVISTAS – O crítico Silviano Santiago viria pela primeira vez a Campo Grande, infelizmente não foi dessa vez. Deixamos aqui nossa frustração pelo desencontro. Gostaríamos que a senhora, que é discípula crítica

direta dele, nos falasse da importância de Silviano Santiago para a crítica brasileira hoje.

ENEIDA – Eu considero Silviano Santiago um dos maiores críticos hoje, de crítica cultural, literária e o considero ainda um grande escritor. Ele foi quem nos ensinou e nos ensina o tempo todo, com seu exemplo, a respeito da preocupação com a seriedade profissional, a seriedade de sempre preparar um texto quando vai se dirigir a este ou aquele auditório. Nada se improvisa. É perfeitamente antenado ao que se passa no mundo, está por dentro das novidades, por dentro de tudo aquilo que está surgindo em termos de teoria, de arte, etc. É uma pessoa que pela manhã se interessa pelas notícias de toda sorte adquiridas pela internet, lê o *The New York Times*, os jornais mais importantes do mundo e do Brasil. Ele nos preparou ainda para os estudos de Literatura Comparada e dos Estudos Culturais. Retomando a afirmação do Antonio Candido, de que estudar Literatura Brasileira é estudar Literatura Comparada, no sentido de que é necessário marcar o lugar de onde se fala. Se você está falando do Brasil, você tem sempre que puxar um pouco dessa sua reflexão, não só para o lugar de onde se está falando, mas também o momento em que você está falando. Mesmo que esteja, no presente, realizando um trabalho do século 18, do século 19, a sua visão, suas leituras, são as de hoje. A sua experiência é a de hoje. Somos leitores dos dias atuais. Essa é ainda uma das boas lições que dele recebemos. Há críticos, estudiosos que estudam o barroco do século 18 e ficam lá no século XVIII. Não tentam trazer essa mensagem para os dias contemporâneos. A seriedade profissional seria, talvez, a sua maior qualidade como intelectual e escritor.

NECC-ENTREVISTAS – Em relação ao seu texto *Nas margens, a metrópole*, a senhora disse que as demarcações políticas e geográficas não existem mais. Isso vale então, consequentemente, para a crítica, a literatura comparada e os estudos culturais e para qualquer tipo de estudo que a gente possa fazer hoje em qualquer produção artística literária?

ENEIDA – É um pouco temerário dizer que as demarcações geográficas não existem mais, mas eu acho que se você for pensar, por exemplo, em identidade nacional, em termos de literatura brasileira, essa prisão a um certo regionalismo já é um assunto descartado. Então a gente tem hoje uma preocupação com o neo-regionalismo ou o pós-regionalismo, ou o local que está sempre em diálogo com o global, as periferias se relacionando com o centro, etc. Todas essas afirmações são muito relativas. No último número da revista *Bravo!* – não tive tempo de ler mais vi a manchete, que trata das artes plásticas, revelando aí como o motivo nacional não é mais a primeira preocupação dos artistas. Essa preocupação eu tenho demonstrado em relação à literatura, não a literatura modernista, da década de 1920. Com Mário de Andrade, era preciso construir a cultura nacional, pois se estava também

NECC-ENTREVISTAS intelectuais em foco

construindo uma idéia de nação e de Estado moderno. Toda essa proposta modernista foi importantíssima para a criação de uma literatura brasileira. Mas hoje não se observa mais essa prisão a um território, a uma geografia. Mas ao mesmo tempo você está falando de um determinado lugar. Eu acabei de ler um livro do Bernardo Carvalho, *O filho da mãe*, vou fazer uma resenha. Achei um livro muito difícil, porque se passa em São Petersburgo e Moscou. E fiquei pensando justamente nessa questão dos territórios. Ele está há muito tempo trabalhando literariamente nesta direção, com os romances *O sol se põe em São Paulo*, *Mongólia* e *Nove Noites*. A pergunta que se faz é até que ponto essa estratégia de enfocar lugares estrangeiros, escrever sobre lugares talvez considerados por nós como exóticos, aproveitando desse "exótico" que é a Rússia, a Mongólia, para fazer literatura brasileira? Chico Buarque, por exemplo, escreveu *Budapeste*, livro no qual a ação se passa tanto em Budapeste como no Rio de Janeiro. Acaba de lançar outro livro com outra proposta mais "brasileira". A caracterização da literatura brasileira hoje se acha meio complexa, pois há várias tendências e caminhos às vezes opostos. A multiplicidade é uma das tônicas de nossa época.

NECC-ENTREVISTAS – A senhora falou de uma concepção de autoficção que a senhora está estudando. Com relação ao último romance do Silviano Santiago, *Heranças*, teria alguma relação com esse conceito de autoficção?

ENEIDA – Sim, ele até assumiu que sua literatura procede segundo a autoficção. Vai sair um artigo dele na Revista *Aletria*, da Faculdade de Letras da UFMG, organizada por mim e outros, em comemoração dos 40 anos da Faculdade de Letras e os 25 da pós-graduação. Nesse artigo ele desenvolve essa teoria da autoficção ao se referir 'a sua obra. Na verdade o que ele realiza na literatura é esse tipo de procedimento, diferente da autobiografia. O escritor está o tempo todo inserido na obra, mas sempre na condição de personagem. Constroi uma personagem que retira de conhecimentos pessoais, mas ela é o tempo todo mesclada com outras de sua imaginação, além de ter traços de outras. É interessante perceber que quando se escreve um texto memorialista – e ele escreve o tempo todo memórias, embora mentirosas - não se trata de uma literatura memorialista *tout court,* uma autobiografia; porque está sempre fingindo e descartando a relação com os acontecimentos vividos, com a biografia propriamente dita.

NECC-ENTREVISTAS – Que conselho a senhora daria para os alunos de graduação e de pós-graduação que estão se enveredando na pesquisa?

ENEIDA – Eu acho que vocês têm que continuar e conservar sempre o livro aberto, estudar muito, mas também, como já dizia Mário de Andrade, se apropriar ainda da experiência da rua. Não é só ler, é também relacionar essa leitura e essa literatura com a vida, caso contrário, a vida se desloca da

NECC-ENTREVISTAS
intelectuais em foco

literatura e essa situação não é desejada. É diferente de transformar a vida em literatura, ficcionalizá-la. Embora seja interessante a leitura da vida como se fosse um pouco semelhante a um texto. Gosto de repetir uma afirmação que encontrei numa revista sobre autobiografia, que é a seguinte: "Olha, depois que comecei a encarar meu marido como um personagem, o meu casamento melhorou". Quando você está encarando e achando que ele é pessoa, você enxerga defeitos, quer que ele se comporte conforme seus desejos, vendo só qualidades nele. Quando você observa que uma pessoa tem mais defeitos do que qualidades, você a ficcionaliza e, assim, convive melhor com as diferenças(risos).

NECC-ENTREVISTAS – Agradecemos à professora Eneida por essa entrevista e esperamos revê-la muitas outras vezes em Campo Grande para nos privilegiar e nos dar o prazer de sua companhia. Obrigada, professora, em nome do Núcleo, em nome de todos os membros do NECC.

ENEIDA – Eu é que agradeço, é sempre bom vir aqui e me encontrar com os amigos e colegas.

ENEIDA MARIA DE SOUZA é Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1A, é Professora titular em Teoria da Literatura da UFMG; professora Emérita da UFMG; graduada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (1966), mestre em Letras (Literatura Brasileira) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1975) e doutora em Literatura Comparada - Semiologia - Université de Paris VII (1982). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, atuando principalmente nos seguintes temas: critica cultural, dependência cultural, Mário de Andrade, biografia literária e crítica brasileira. Orientou 1 bolsista de pós-doutorado, 17 teses de doutorado, 3 dissertações de mestrado, 4 monografias de final de curso, 11 bolsistas de Iniciação Científica. Tem 6 livros publicados, 12 livros sob sua organização, vários artigos em periódicos nacionais e estrangeiros, além de mais de uma dezena de capítulos de livros. Últimos títulos publicados: *Crítica cult* (2002-2007); *Pedro Nava - o risco da memória* (2004); *Tempo de pós-crítica* (2007), *O século de Borges*, 2a edição, 2009. Participa do Projeto Integrado Acervo de Escritores Mineiros da FALE/UFMG, com o projeto "Biografias saem dos arquivos". Atua como membro do comitê editorial de várias revistas nacionais, destacando-se, entre elas, a revista *Margens/Márgenes*, de âmbito internacional. Exerce atividades interinstitucionais como professora-visitante em várias universidades brasileiras, como a UFBA, UERJ, PUC/Rio, UFJF, UFRN, UFC, UFRGS, além de universidades estrangeiras, como as de Nottingham (Inglaterra), Poitiers (França), San Andrés (Argentina).

NECC-ENTREVISTAS Intelectuais em foco